

Experiências infantis com a violência no ambiente escolar

Children's experiences with violence at school environment

Experiencias de los niños con violencia en la escuela

Caroline Soares Nobre¹, Mirna Albuquerque Frota², Ceci Vilar Noronha³, Fátima Luna Pinheiro Landim⁴, Camila Santos do Couto⁵, July Grassiely Oliveira Branco⁶

Resumo

Entende-se a violência escolar como todos os fatos ou atos de agressão que ocorram tanto no ambiente interno, como no entorno de estabelecimentos de ensino; incorporando, portanto, desde dimensões mais simbólicas do fenômeno, até maus-tratos e uso de força ou da intimidação. A partir deste conceito objetivou-se buscar uma aproximação da óptica das crianças acerca dos atos de violência no

ambiente escolar, bem como suas experiências e implicações mais diretas. Estudo de caráter qualitativo realizado no município de Fortaleza-Ceará por meio da técnica de grupo focal com vinte e seis escolares. As discussões foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para processamento com o auxílio do programa NVivo (versão 10.0), permitindo uma análise categorial. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o Parecer de N° 355.525/2012. Os atos de violência são habituais para as crianças e percorrem as relações interpessoais. Estudar a violência escolar é compreender suas intersecções, muitas vezes banalizadas, sem desvelar as inter-relações fundamentais na compreensão deste fenômeno complexo, que por vezes é reflexo de outros sistemas sociais que podem desencadear consequências e tornar vulnerável a saúde individual e coletiva.

¹ Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva (UNIFOR). Doutoranda em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA). Bahia, Brasil. E-mail: carolinesnobre@gmail.com

² Enfermeira. Pós Doutora em Saúde Coletiva Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA). Docente do Curso de Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza- CE, Brasil. E-mail: mirnafrota@unifor.br

³ Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Associado I, do Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Coordenadora do Laboratório de Estudos em Violência, Saúde e Sociedade (LAVISS) – ISC/UFBA e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Segurança Pública, Cidadania e Solidariedade (LASSOS) – FFCH/UFBA. Bahia, Brasil. E-mail: ceciavilar@gmail.com

⁴ Enfermeira. Pós Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia – ISC/UFBA. Docente do Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza- CE, Brasil. <E-mail: lunaladim@yahoo.com.br>

⁵ Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva (UNIFOR). Fortaleza- CE, Brasil. E-mail: cmlcouth@gmail.com

⁶ Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva (UNIFOR). Fortaleza- CE, Brasil. E-mail: julybranco.upa@gmail.com

Descritores: Violência. Saúde Escolar. Criança.

Abstract

It is understood that school violence means all the facts or aggressive attitudes that occur both in the internal environment, such as in the surroundings of schools; incorporating thus provided more symbolic dimensions of the phenomenon, to mistreatment and use of force or intimidation. From this concept the study aimed to get an approximation of the children's perception about violence at the school environment, as well as their experiences and more direct effects. Qualitative study conducted in the city of Fortaleza, Ceará through the focus group technique with twenty six students. The discussions were audio recorded and later transcribed for processing with the help of NVivo software (version 10.0), allowing categorical analysis. The study was approved by the Research Ethics Committee No. 355.525/2012. Acts of violence are frequent among children and run into their interpersonal relationships. Studying school violence is to understand the intersections often trivialized, without unveiling the fundamental interrelations in this

complex phenomenon, which sometimes is a reflection of other social systems that can produce consequences and become vulnerable to individual and collective health.

Keywords: Violence. School Health. Child.

Resume

La violencia en la escuela se entiende como todos los hechos o actos de agresión que se producen tanto dentro de la escuela, como en sus inmediaciones; incorporando las dimensiones más simbólicas así previstas del fenómeno, hasta los malos tratos y el uso de la fuerza o la intimidación. De acuerdo con este concepto el objetivo de obtener una aproximación de la percepción de los niños sobre la violencia en el entorno escolar, así como sus experiencias y implicaciones más directas. Estudio cualitativo realizado en la ciudad de Fortaleza, Ceará a través de la técnica de grupo focal con veintiséis estudiantes. Las discusiones fueron audio grabadas y posteriormente transcritas para su procesamiento con la ayuda del software NVivo (versión 10.0), permitiendo el análisis categórico. El estudio fue aprobado por el Comité Ético N° 355.525/2012. Los

actos de violencia son comunes para los niños y permean en sus relaciones interpersonales. Estudiar la violencia escolar es entender sus intersecciones menudo trivializan, sin revelar las interrelaciones fundamentales en la comprensión de este complejo fenómeno, que a veces es un reflejo de otros sistemas sociales que pueden desencadenar consecuencias y se vuelven vulnerables a la salud individual y colectiva.

Descriptor: Violencia. Salud Escolar. Niño.

Introdução

O mundo vivencia um período de rápidas mudanças tanto dos indicadores, como igualmente no perfil da violência. Além de instigante tem domínio em tornar vulnerável a saúde individual e da coletividade em suas várias dimensões. Há uma (re)consideração acerca de suas peculiaridades em função dos novos espaços e significados que a violência assume, bem como a população que atinge⁽¹⁾.

O presente artigo dá evidência a achados qualitativos de um estudo transversal apresentado como dissertação que abordou o fenômeno da violência entre crianças de escolas

públicas da cidade de Fortaleza, Ceará. O eixo central são as representações do infante quanto as práticas violentas empreendidas por si mesmos e/ou seus colegas. Para isso, concorda-se com a perspectiva de Priotto⁽²⁾ sobre violência escolar, entendendo-a como todos os fatos ou atos de agressão que ocorram tanto no ambiente interno, como no entorno de estabelecimentos de ensino; incorpora, portanto, desde dimensões mais simbólicas do fenômeno, até maus-tratos e uso de força ou da intimidação.

Um dos desafios na atualidade é entender os significados da exposição às situações arriscadas ou de “risco”, que os aproximam da possibilidade de experiências violentas. Visto que De acordo com o relatório designado “Mapa da Violência 2012: criança e adolescente, a violência está entre as causas externas que vitimizam crianças e adolescentes em percentual que representa 26,5% do total de mortes nesses contingentes populacional⁽¹⁾. Acredita-se que esta indagação situa-se sobre o pano de fundo de processos sociais em curso que alteram os contornos da socialização das novas gerações, implicando distintas repercussões na construção de trajetórias de vida⁽³⁾.

Não é recente o conhecimento da relação entre violência e os estabelecimentos de ensino. Destarte, os tipos de ocorrências como ameaças, uso de drogas e de armas, furtos, roubos e outras, bem como a multiplicação dos casos incorpora uma complexidade às suas formas de manifestação entre escolares que faz o fenômeno ocupar lugar de destaque na pauta do debate em saúde pública e social.

Muito embora se assevere que os atos de violência na escola fazem parte da realidade, independentemente da condição socioeconômica e taxa de homicídio da região em que a escola se localiza, adota-se que o perfil socioeconômico e cultural seja influenciador de concepções e de práticas educacionais empreendidas pela família/escola⁽⁴⁾.

As atitudes do infante são, frequentemente, “espelho” desses seus principais ambientes de formação/socialização⁽⁵⁾, ou seja, por vezes, o comportamento violento de crianças assume contornos dos ambientes escolar e, sobretudo, do domiciliar que é onde sofrem de maus-tratos, negligência, carências diversas e até de abuso sexual.

Por ser a escola um espaço em cujo todo um histórico de vitimização e

de vulnerabilidade se faz desnudar e vir a tona, o comportamento que se verifica emergir como padrão entre crianças pode interferir numa socialização adequada, e mais certamente tem consequência no desempenho do escolar⁽⁶⁾. Nesse contexto, o corpo técnico-pedagógico, bem como os profissionais da saúde possuem papel extraordinário a desempenhar no que tange a violência infantil e seus obstáculos – sejam identificando ou notificando o problema no ambiente e na modalidade em que ocorre, seja tomando o fenômeno como constante objeto de estudos e de investimentos em ferramentas de enfrentamento.

O objetivo da pesquisa é buscar uma aproximação da óptica das crianças acerca dos atos de violência no ambiente escolar, bem como suas experiências e implicações mais diretas.

Métodos

Definida como cenário de estudo a escola na qual foi realizada a pesquisa fica localizada no município de Fortaleza-Ceará. Além de populosa, a cidade ocupa na atualidade o quinto lugar em desigualdade no planeta. Outra peculiaridade é que o município foi dividido em seis áreas geopolíticas,

baseando-se na descentralização administrativa e de gestão municipal.

Cada área destas possui uma Secretaria Executiva Regional - SER, com a respectiva coordenação, e subdividida organizacionalmente em distrito correspondente aos vários campos de atuação municipal. Cada SER compõe-se de determinado número de bairros, interligados pela sua proximidade, sendo que as escolas em foco tem circunscrição na SER V e VI.

Dados do estudo cartográfico da violência realizado no ano de 2010 revelaram que a Secretaria Executiva V e VI tem índices alarmantes de violência, são as mais populosa da capital, mas sobretudo, mais vulneráveis, com rendimentos médios abaixo das demais secretarias. São também uma das Regionais com perfil populacional dos mais jovens de Fortaleza⁽⁷⁾.

Três escolas foram selecionadas, onde o critério determinante de qual seria o estabelecimento de ensino levou em consideração, portanto, o fato de possuir um histórico significativo de crianças que abandonaram os estudos por temer tornarem-se vítimas de homicídio, na medida em que colegas seus nas referidas escolas foram mortos no interior ou em suas proximidades.

Durante o período de maio de 2013/2014 por meio da técnica de grupo focal com vinte seis crianças⁽⁸⁾ regularmente matriculadas no 5º e 6º anos. Foram realizados três grupos focais, respectivamente, um com dez crianças e os outros dois cada um com oito crianças. As crianças tinham entre 10 e 11 anos, o que podia permitir uma participação mais efetiva quando considerada a especificidade da técnica de levantamento dos dados. Além da idade, foram critérios de inclusão das crianças a espontaneidade, disponibilidade e o prévio consentimento dos pais ou responsáveis.

As discussões possibilitadas no grupo foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para processamento com o auxílio do programa NVivo (versão 10.0). Essa ferramenta permite a análise categorial, que se processou mediante as etapas: pré-análise, exploração do material, codificação, categorização e análise dos resultados obtidos⁽⁹⁾.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA da Universidade de Fortaleza – UNIFOR sob o Parecer de N° 355.525/2012.

Resultados e discussão

Experiência da violência na escola

Como reflexão inicial acerca dos resultados enfatizados, destaca-se que a construção da imagem social conectada ao “mundo do crime” constitui-se em fator adicional de fragilização e vulnerabilidade para lidar com uma extensa faixa de riscos. Deste modo, a construção da personalidade é estabelecida nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o indivíduo está inserido. Ou seja, estas crianças têm seus caminhos traçados pelas experiências que o meio social em que vivem lhes proporciona⁽¹⁰⁾.

O marco no cotidiano da violência e do medo das crianças entrevistadas fica bem sintetizado nos depoimentos: “*A violência acontece todo dia.*” (A3); “*Não me sinto seguro aqui dentro da escola!*” (A7); “*Aqui é mais perigoso do que do lado de fora, tia*”(A15); “*Confusão na escola às vezes gera morte*” (A12).

Questionar o que significava violência para aquelas crianças foi, portanto, o primeiro passo e o alicerce para a construção de depoimentos que aclarassem concepções e permitissem desenhar os contornos da problemática. De certo modo, esta etapa ofereceu uma

prévia das vivências explicitadas adiante.

Em análise acerca da linguagem e do significado, Ferreira⁽¹¹⁾ percebe que partindo das definições do próprio dicionário fica expresso que o significado é dar sentido a algo, ou a maneira que atribuir sentido a alguma coisa. Conclui após análise filosófica que o uso das sentenças determinará o sentido das frases, embora haja necessidade que alguns ajustes sejam acatados para que o significado seja desenvolvido por meio do seu uso.

No provir dos significados observa-se que ao mesmo tempo em que a violência, de forma concomitante e simultânea ocorre com o processo explorado, assemelha ter se tornado banal, e até democrática na contemporaneidade brasileira, a violência e o corolário, o medo da violência funcionam, desse modo, como meio de expressão e estilo de vida, especialmente entre os jovens⁽¹²⁾.

Constatou-se uma ênfase dada à agressão física como principal representação do que é violência. É o que se verifica nas falas em destaque: “*Violência é Murro, é pedrada!*” (A1); “*É dois meninos brigando, dando chute um no outro, dando murro no outro.*” (A2).

Ocorre que a violência física imposta *per si* não satisfaz o agressor, sendo cultural que se faça acompanhar de um componente de desclassificação da vítima. Portanto, os “murros” são acompanhados de “palavrões”. É o que explicita o depoimento: “*É um menino dando murro no outro, e falando palavrão.*” (A3).

As gozações estão presentes, servindo de estímulo aos que se agridem. Para além do traço de degradação do humano, valorizam o ritual, servindo de limiar para o grau de perversidade empreendido, ao tempo em que põe um marcador que pode determinar a ascensão de um e a quebra de *status* de outro dentro da escola no final de um embate. Captou-se depoimento que põe foco nesse fenômeno: “*Dois meninos brigando e um monte de gente rindo.*” (A6).

A questão de gênero também surge e chama atenção, primeiro por colocar sempre o menino na posição de algoz – como sendo ele quem inicia a bater ou aborrecer –, depois tem o fato de as crianças se referirem a “tapas”, “puxões de cabelo” e a “empurrões” no lugar de murros e chutes quando a vítima se trata de uma mulher. Os entrevistados se expressaram: “*É um menino puxando o cabelo da outra*

menina...” (A3); “*Um menino dando tapa na cara da menina, e um menino rindo e ameaçando empurrar...*” (A4).

Muito embora esses modos de se expressarem em relação às agressões e incivildades entre pares, apontem para certa naturalização da violência, há já nessa idade uma percepção de fragilidade relativa ao sexo feminino. Isso coloca a mulher em posição de merecer trato diferenciado, mesmo nas condições de violência infringida, dando origem as modalidades diversas de os agressores se manifestarem quando considerado o tipo de vítima.

A questão de gênero se posiciona fortemente no processo de construção social neste ambiente, existindo uma distinção entre aqueles que são postos como agressores e aqueles que se colocam como vítimas. É descoberto que o sexo se constitui como marca de identificação que excitará todo um conjunto de investimentos culturais que trará a colocação e a subjetivação das identidades infantis⁽¹³⁾. É visto que em caso de vitimização entre pares, os meninos são mais propensos a usar e experimentar a agressão física, enquanto as meninas as vivências as agressões relacionais⁽¹⁴⁾.

Ao considerar o tipo de vítima, escalonando modalidades de agressão,

também vai se criando dentro da escola extratos de pessoas para sofrerem com maior frequência de violências. Vários são os relatos nesse sentido: “*Ele apanha. Sei lá! Metem logo a peia nele*”. (A5); “*Eu não tenho nada contra ninguém. Eles que têm contra mim*”. (A7); “*Ele é quem me chama pra peia*.” (A8); “*Meu apelido é pastel, tia! (risos envergonhados) [...] Um menino quase me atropela um dia desses*.” (A3).

Esse segmento mais “fraco” é que vira alvo certo das provocações e da agressão física, conforme se verifica: “*Não sou dos que implicam, mas implicam comigo*.” (A2); “*Ficam arengando comigo! Me chamam de apelido. Ficam mandando eu tomar no cú*.”(A5). Mediante as investidas, as crianças vão desenvolver particulares mecanismos/comportamentos de defesa, nem sempre eficazes, mas que servem ao propósito de preservação da integridade física, muito embora a dimensão psicológica e a de autoestima devam ficar significativamente afetadas.

Os mecanismos desenvolvidos podem refletir conformismo/aceitação, de acordo com os depoimentos: “*Aqui na escola é muito complicado... Não posso fazer nada! Se eu for dizer pra direção, ele pega e me bate*.”(A9). Outros relatos seguem nessa linha que

insinua a inutilidade ou risco que se corre ao comunicar ocorrências à direção da escola:

“*Sexta-feira um menino me deu um empurrão tão grande que eu bati minha cabeça na parede. Não fiz nada. O que é que eu ia fazer? Ia apanhar era mais!*” (A3).

“*Porque esses meninos aí, ó, me bate. Agora, se eu for falar com o diretor eles fazem mais coisa comigo. Aí, lá fora eles metem a chibata!*”(A3)

Já outros mecanismos são característicos de mera fuga: “*Não, tia, é por que dá medo mesmo. Às vezes eu saio correndo mesmo*.” (A3); “*Fico na sala mesmo. Não saio! Só saio se for pra ir ao banheiro*.” (A10).

Há um incômodo e uma insegurança geral manifestados pelos alunos, em um lugar que deveria dar-lhes conhecimento, acolhimento, cuidado, que seria a extensão do lar e da

comunidade, a continuidade da formação do caráter do indivíduo, não oferece segurança⁽¹⁵⁾. O medo e a fuga são manifestados pelas crianças ao se depararem em situações de violência. O desejo de interrupção desse momento seja pela evasão, ou pelo simples almejo de que algo seja feito para que se interrompa a violência, é expresso com angústia pela necessidade de mudança na rotina escolar.

Os medos, a muito considerados irrealis e imaginários abrem espaço para sua concretização, não permitindo que a criança elabore suas ansiedades. Os espaços lúdicos e os meios de significação do medo estão em muitas circunstâncias sendo extinguidos pela realidade violenta em que vivem⁽¹⁶⁾.

Entre os que saem correndo e os que se conformam, buscando o refúgio da sala, há ainda os que optam por recorrer a uma figura de autoridade: *“Implicam comigo! Me chamam de apelidos. Eles ficam me chamando de sapatão. Eu não gosto. Falo com o Diretor.” (A7).*

Mesmo evitando o confronto, podem acontecer de está presente nesses tipos de comportamento de fuga um sentimento de impunidade que potencialize o descontentamento para com a omissão da escola ante as

práticas abusivas, os apelidos e palavrões de que são vítimas esses informantes. Uma criança declara: *“Se a gente for falar com eles (referindo-se ao diretor e ao coordenador), eles vão dizer que você também procura confusão, e que também a culpa é sua em se meter com eles (referindo-se aos brigões).” (A9).*

Preocupa quando as crianças são reduzidas aos estereótipos sem que se faça nada a respeito porque o seu grupo social passa a explicar ou justificar a violência pela diferença. As concepções sobre um grupo de pessoas são transformadas em expectativas, que por sua vez se revertem em normas de comportamento esperado ou até exigido⁽¹⁰⁾. Assim, pode ser que aqueles que apanham devam aceitar essa condição, encontrando “seu jeito” de resistir.

De outro lado, fica banalizada ou mesmo descartada possibilidade de queixa aos adultos, porque neles não se identificam mais autoridade ou competência para oferecer solução. *“Eles não respeitam! Eles batem na frente do diretor e do coordenador, que não fazem nada porque têm alguns aqui que ameaçam”.* (A7)

O ambiente escolar torna-se, assim, um terreno “de ninguém”, onde

quem impõe o medo dita as regras, conforme explícito: “Aqui [...] eles querem mandar na gente e a gente pede licença para fazer algumas coisas, né? E eles dizem que: Hoje não tem licença não! É só na ignorância.” (A9)

Os alunos com defasagem idade-série é fator em destaque, pois são enfatizados como principais agressores, utilizando do porte físico e social para exercer poder sobre os mais novos. Os discentes realçam o abuso de poder dos “mais fortes”⁽¹⁰⁾.

Não há respeito frente ao patrimônio da escola, nem as autoridades por ela determinada. Os furtos são frequentes, indo além da violência física e simbólica, resultado favorável à característica multifacetada da violência, sendo ressignificada nos depoimentos.

“Tem menino que entra nas nossas salas na hora do recreio pra roubar nossas canetas.” (A6)

“Na minha sala, a minha mãe me deu dinheiro e deixei dentro da minha bolsinha [...]Trancaram a sala e roubaram. O cadeado estava arrombado.” (A9)

“Um puxa a parte de baixo, aí o outro entra. Chega tá torta a porta.” (A3)

Resultado, igualmente, encontrado em Macedo e Bonfim⁽¹⁷⁾, no qual discentes e docentes afirmaram saber da prática dentro da escola. O fato é que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um lugar de insegurança e medo.

É nesse “fabricar” de subtipos de agressões e de esteriótipos de vítima/algoz que se identifica um jogo de poder que muito bem pode ser interpretado como mecanismo de autoafirmação para uns e de sobrevivência/resistência para outros. Fica evidente que aquelas crianças que vão ser temidas/respeitadas são as que assumem padrão mais agressivo de se comportar ou de se impor. Foram declarações de crianças: “Ele fica direto olhando pra pessoa. Sai nem de perto da gente. Aonde você for ele vai atrás.” (A6). “Tenho que me afastar dele (referindo-se à figura do agressor), mas ele fica só me seguindo.” (A9).

Iniciar uma agressão ou afronta, impor-se como pessoa forte ou violenta, sem que haja uma provocação ou motivos reais, pode ser necessário em

contextos que se configurem hostil e indiferentes. Isso se dá como forma de a criança se aperceber como indivíduo, e não massa, sobressaindo-se ou garantindo uma identidade.

Em outras palavras, o fenômeno pode ser analisado sob o ponto de vista de um ‘modus operandi’ encontrado por crianças (ignoradas/desconsideradas) para demarcar espaço e serem vistas, ou simplesmente para não se tornarem “a próxima vítima”: *“Implico! Quero desconstrair o ambiente [...] me vem briga na cabeça.”* (A8); *“Eu gosto de implicar. Quando alguém me chama pra brigar, eu bato.”* (A5)

Professores como sujeitos implicados

O cenário de degradação dos espaços de formação cívica/educacional tem reflexo sobretudo no comportamento dos professores; o que pode ser verificado pelo descontrole de alguns ao lidar com incidentes envolvendo crianças em sala de aula. Um depoimento esclarecedor desse fenômeno reúne várias vozes dentre os participantes do grupo focal:

“Um dia desses o professor colocou um negócio lá de ciências pra gente fazer a tarefa. Aí, o professor

tentou ser mais ignorante com um colega que era da nossa sala. Esse aluno deixou o professor estressado. Aí, ele tacou a mãozada na televisão, chega a televisão ficou sem sinal. Levei foi um susto!” (A1)

Não se deteve nesse ensaio a verificar o perfil dos professores da exata escola pública em que o estudo se desenvolveu, por isso a ausência de detalhamento dos fatores que determinam os comportamentos mais comumente referidos pelos alunos. Independente disto, o contexto que se verifica hoje em dia nas escolas Brasileiras é o de violência e de insegurança, tendo como alvos, muitas vezes, os professores, que se encontram com medo ou acuados.

É nesta contextualização que as formas de violência que ocorrem na sala de aula são concebidas pelos professores como elementos capazes de dissimular a performance dos mesmos por serem causadores de insegurança, desestímulo, medo e dificuldades de relacionamento com os discentes⁽¹⁸⁾.

Destarte, é no mínimo preocupante que práticas como as que as crianças de onze anos seguem relatando possam prevalecer em um ambiente formador de perfis de profissional e de cidadão.

“Uma professora minha, do dia de terça que é geografia e história, ela tacou o apagador no meu braço.” (A6)

“Antigamente, tinha uma professora aqui no colégio que dizia pra ninguém sair de sala. Aí, eu fui rebolar o papel no lixo e ela me puxou pelos cabelos e me colocou na cadeira.” (A9).

Mais uma estória contada ratifica o padrão de comportamento incomum adotado por educadores em sala de aula:

“Tem aqui professora que às vezes vai batendo no aluno.” (A7)

“Eu e uma amiga minha, a gente estava indo no armário olhar se tinha alguma prova. Aí, ela pegou, chegou assim com as unhas dela e fez assim

aqui no pescoço e puxou a gente até a cadeira. Aí, todo mundo ficou rindo, e a gente começou a chorar”. (A4)

O relacionamento dos educadores da escola com os alunos demonstrou evidências de violência psicológica, algumas vezes com ameaças e gritos. Os educadores não se viam como protagonistas, e alegavam fazer uso de práticas educativas e disciplinadoras contra a violência⁽¹⁵⁾.

O ambiente escolar impõe uma série de desafios no que tange à definição do fenômeno. Um desses é distinguir a violência escolar para que se possa estabelecer com clareza o papel dos educadores e da escola enquanto instituição na prevenção da violência. Talvez, estas atitudes possam ser reflexo do que a categoria profissional vivencia em um lamentável cenário, no qual muitos apresentam baixa autoestima devido a uma demasiada desvalorização social. Há frequente e acentuado desânimo entre os professores para processos de mudanças significativas no panorama educacional⁽²⁾. Assim, a participação contínua em episódios de bullying

provoca deformidades nas concepções de emoções e desenvolvimento moral⁽³⁾.

Considerações finais

Diante desta análise, pode-se afirmar que as modalidades da violência infantil dentro do âmbito escolar como um fenômeno contemporâneo, não mais acreditar que esta faixa etária seja delineada como uma fase na qual não há iniquidade ou ferocidade. Fase está rodeada de atitudes e comportamento agressivos, dentre eles o bullying e incivildades, positivamente representadas pela educação familiar e escolar, reflexo da organização e valores socioculturais da sociedade contemporânea.

Destaca-se o que no relacionamento entre pares há aqueles que intimidam com foco em uma relação de poder e força física. Alguns tomam a posição de agressor como forma de proteção e melhor interação com grupos sociais formados dentro da comunidade ou da própria escola. O medo está sempre firmado, seja o temor de ser dominado ou de se tornar o dominado. Há uma analogia de poder nas relações.

Os alunos são capazes de explicar compreensões acerca da violência e de responder o que suas

atitudes e comportamentos dentro do ambiente escolar representam na experiência de vitimização e de uso da violência para resolução de conflitos. Discernir suas subversões, comportamentos e angústias, deu respaldo a esta pesquisa para elaborar uma nova proposta de compreensão da infância.

Acredita-se que estudos futuros procurem visualizar esta como porta-voz de seus desejos, de suas aspirações e de suas fragilidades que compõem a sua rotina, pois as crianças são hábeis de construir e discernir estratégias de enfrentamento da violência, sobretudo, no âmbito escolar.

A violência escolar perpassa pelas relações interpessoais, envolvendo a comunidade e a sociedade. Conclui-se que estudá-la é compreender suas interseções, muitas vezes banalizadas, pois são repassadas apenas como extensão das práticas violentas ou escolares, sem desvelar suas inter-relações fundamentais na compreensão do fenômeno.

Agradecimentos

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Profissional de Nível Superior/CAPES;

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Casadinho/PROCAD entre a

Universidade de Fortaleza/UNIFOR e o
Instituto de Saúde Coletiva/ISC/UFBA

Referências

1. Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2012: Criança e adolescente. 1ª ed. Rio de Janeiro. CEBELA- Centro Brasileiro de Estudos Latino Americano. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Criancas_e_Adolescentes.pdf. Acesso em: 10 de julho de 2013.
2. Priotto EP, Lindomar WB. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. Rev. Diálogo Educ. jan./abr 2009; 9(26): 161-179.
3. Ruotti C, Massa VC, Peres MFT. Vulnerability and violence: a new conception of risk for the study of youth homicides. Interface (Botucatu). 2011; 15(37): 377-389.
4. Stelko-pereira AC, Williams LCA. Dando voz a estudantes de escolas públicas sobre situações de violência escolar. In: Habigzang LF, Koller SH. Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 280
5. Frota MA, Nogueira JLA, Bezerra LLAL, Lima PRF, Filho OAS, Costa RO. Percepção da criança da periferia de Fortaleza - Ceará acerca da violência. Cogitare enferm. 2010; 15(3): 427-432.
6. Schilling F. Violência na escola. In: Westphal MF, Bydlowski CR, organizadores. Violência e juventude. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 219-231.
7. Moura R, organizador. Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza Perfil da SER. Cartilha da Regional. UECE. [Internet] Fortaleza: 2011 [Acesso 2012 jan]. Disponível em: https://www.uece.br/labvida/dmdocuments/regional_1.pdf
8. Trad LAB. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. Physis Revista de Saúde Coletiva. 2009; 19(3): 777-796.
9. Bardin L. Análise de Conteúdo. 28ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
10. Salles LMF, Silva JMAP. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. Cadernos de Educação. 2008; 30: 149-156
11. Ferreira. RLA. O significado como uso: um estudo comparativo das noções de jogos de linguagem e de atos de fala em Wittgenstein e Searle. Departamento de Filosofia. [Internet] Rio de Janeiro: 2012 [Acesso 2014 jan]. Disponível em: http://www.pucRio.br/pibic/relatorio_resumo2012/relatorios_pdf/ctch/FIL/FIL-Renato%20Luiz%20Atanazio%20Ferreira.pdf
12. Koury MGP. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. Soc. Estado. 2011; 26(3): 471-486.
13. Ramos AC. A construção social da infância: Idade, gênero e identidades infantis. Rev. Feminismos. 2013; 1(3).
14. Lisboa C, Braga LL, Ebert G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. Contextos Clínic. 2009; 2(1): 59-71
15. Souza KOJ. Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: relatos e diálogos com alunos e professores. Rev. Bras. Promoç. Saúde. 2012; 5(1): 71-79.
16. Vilhena J, Bittencourt MIG, Zamora MH, Novaes JV, Bonato MCR. Medos infantis, cidade e violência: expressões em

diferentes classes sociais. *Psic. Clin.* 2011; 23(2): 171-186.

17. Macedo RMA, Bomfim MCA. Violências na escola. *Rev. Diálogo Educ.* 2009; 9(28): 605-618.

18. Silva JO, Ristum M. A Violência Escolar no Contexto de Privação de Liberdade. *Psicologia ciência e profissão.* 2010, 30(2), 232-247.

Participação dos autores

Caroline Soares Nobre, Contribuiu substancialmente para a concepção e planejamento do projeto, obtenção de dados ou análise e interpretação dos dados;

Contribuiu significativamente na elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo; Participei da aprovação da versão final do manuscrito.

Ceci Vilar Noronha, Fátima Luna Pinheiro Landim, Contribuíram significativamente na elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo; Participaram da aprovação da versão final do manuscrito.

Camila Santos do Couto, Mirna Albuquerque Frota e July Grassiely Olivera Branco Participaram da aprovação da versão final do manuscrito.

Recebido: 18.12.2015

Revisado: 18.01.2016

Aprovado: 18.04.2016

Apoio financeiro:
Coordenação de Aperfeiçoamento de
Profissional de Nível Superior/CAPES